



Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais

Bruna Torres de Assis

PINTURA, CULTURA POP E FANDOM:
Um diálogo subjetivo entre o K-pop Enhypen e a
Saga Crepúsculo

Goiânia
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS BACHARELADO

BRUNA TORRES DE ASSIS

PINTURA, CULTURA POP E FANDOM:
Um diálogo subjetivo entre o K-Pop Enhypen e a Saga Crepúsculo

Goiânia
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Bruna Torres de Assis

Título do trabalho: Pintura, Cultura Pop e Fandom: um diálogo subjetivo entre o K-pop Enhyphen e a Saga Crepúsculo

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Leme De Almeida, Professora do Magistério Superior**, em 10/12/2025, às 13:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5792192** e o código CRC **A9C39FAA**.

Referência: Processo nº 23070.059545/2025-61

SEI nº 5792192



Documento assinado eletronicamente por **Bruna Torres De Assis, Discente**, em 08/12/2025, às 17:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS BACHARELADO

BRUNA TORRES DE ASSIS

PINTURA, CULTURA POP E FANDOM:
Um diálogo subjetivo entre o K-pop Enhypen e a Saga Crepúsculo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do curso Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais. Orientadora: Profa. Dra. Flavia Leme de Almeida.

Goiânia
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Torres de Assis, Bruna
Pintura, Cultura Pop e Fandom: um diálogo subjetivo entre o K pop Enhypen e a Saga Crepúsculo [manuscrito] / Bruna Torres de Assis. - 2025.
53 f.

Orientador: Profa. Dra. Flávia Leme de Almeida.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2025.
Bibliografia.
Inclui fotografias.

1. K-Pop. 2. Enhypen. 3. Vampirismo. 4. Artes Visuais. 5. Crepúsculo. I. Leme de Almeida, Flávia, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e cinco dias do mês de novembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Pintura, Cultura Pop e Fandom: um diálogo subjetivo entre o K-pop Enhypen e a Saga Crepúsculo”, de autoria de Bruna Torres de Assis, do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Dr.^a Flávia Leme de Almeida- orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza (FAV/UFG) e Prof. Dr. Edgar Silveira Franco (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,5 (nove e meio), tendo sido o TCC considerado APROVADO.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Leme De Almeida, Professora do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 16:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 16:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edgar Silveira Franco, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 18:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5856688** e o código CRC **6A664A40**.

Ao meu avô Oleno e ao cantor Liam Payne, que se foram cedo demais da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, à minha família, que sempre me apoiou e me ajudou independente da escolha que eu fizesse. À minha mãe, por acreditar em mim e ser rede de apoio e conselhos; ao meu pai, pelo apoio silencioso e aos meus avós, especialmente ao meu avô Oleno, que me ensinou a pintar antes mesmo que eu entendesse o que era arte. Muito do que faço é apenas uma continuação do gesto que ele começou em mim.

Agradeço à minha orientadora, que me acolheu e me guiou com paciência, afeto e confiança, mostrando caminhos possíveis mesmo quando a pesquisa parecia nebulosa.

Às minhas amigas da faculdade e às que conheci pela Internet através dos nossos cantores favoritos, sem vocês a coragem para exercer essa pesquisa e essa faculdade sequer teria acontecido.

Por fim, agradeço também à música, especialmente ao *Enhyphen*, por terem sido fonte de conforto, inspiração e lazer. Essa pesquisa nasceu do encontro entre o que eu amo e o que eu sou e não existiria sem a intensidade com que a música permeia a minha vida.

나의 발로 서길 위해
아닌 건 의미 없어
진짜 내 목소리를 꺼내
진짜 내 목소리를 꺼내

*(Quero ficar de pé com meus próprios pés
Se não, é insignificante
Uso minha verdadeira voz
E construo o nosso futuro)*

ENHYPEN, Future Perfect (Pass The MIC), 2022.

RESUMO

Esta pesquisa parte da pintura como meio de expressão e espaço de elaboração subjetiva, propondo um diálogo entre Artes Visuais, música e cultura pop. A partir das obras do grupo musical sul-coreano *Enhypen* e de referências da saga *Crepúsculo*, desenvolvi um conjunto de pinturas que possibilitam a interpretação de símbolos e de atmosferas desses universos em linguagem pictórica, explorando temas como identidade, desejo e transformação. As obras, dispostas como uma página de história em quadrinhos, articulam o imaginário pop e a Pop Art, reafirmando o vínculo entre arte e cotidiano. Ao final, a pesquisa se abre para novos desdobramentos, propondo uma reflexão crítica sobre o *toploader* como objeto artístico e símbolo do consumo afetivo no contexto do K-pop.

Palavras-chave: K-pop, Enhypen, vampirismo, Artes Visuais, Crepúsculo, arte contemporânea.

ABSTRACT

This research starts from painting as a means of expression and a space for subjective elaboration, proposing a dialogue between Visual Arts, music, and pop culture. Based on the works of the South Korean musical group *Enhypen* and references from the *Twilight* saga, I developed a set of paintings that allow the interpretation of symbols and atmospheres from these universes in pictorial language, exploring themes such as identity, desire, and transformation. The works, arranged like a page from a comic book, articulate the pop imaginary and Pop Art, reaffirming the link between art and everyday life. Finally, the research opens up to new developments, proposing a critical reflection on the *toploader* as an artistic object and symbol of affective consumption in the context of K-pop.

Keywords: K-pop, Enhypen, vampirism, Visual Arts, Twilight, contemporary art.

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------|----|
| CREPÚSCULO | 11 |
| 1. ECLIPSE | 20 |
| 1.1 Dia Um | 22 |
| 1.2 Dimensões | 26 |
| 2. LUA NOVA | 30 |
| 2.1 Escuridão | 32 |
| 2.2 Pôr Do Sol | 36 |
| 3. SOL DA MEIA NOITE | 39 |
| 3.1 O Que Não Te Digo | 41 |
| 3.2 Desejos | 44 |
| AMANHECER | 47 |
| REFERÊNCIAS | 51 |

CREPÚSCULO

“E então o leão se apaixona pelo cordeiro...”
(MEYER, Crepúsculo, 2008, p. 201)

A presente pesquisa nasce, antes de tudo, da pintura. É por meio dela que encontro a possibilidade de elaborar aquilo que dificilmente consigo expressar em palavras: meus sentimentos, meus conflitos internos e minhas inquietações. Sempre tive dificuldade em lidar com minhas vulnerabilidades e não gosto de falar sobre elas com outras pessoas, por isso a pintura se apresenta como espaço de liberdade, de silêncio e, ao mesmo tempo, de voz. A tela me permite transformar emoções e experiências subjetivas em cor, textura e forma, fazendo com que aquilo que me atravessa encontre existência fora de mim.

Esse caminho pela arte não surgiu ao acaso: ele foi cultivado desde a infância pelo convívio com meus avós, ambos pintores, que deixaram como legado não apenas suas obras, mas também a familiaridade com a tela como objeto cotidiano e íntimo. Foi com meu avô Oleno, falecido no último ano, que aprendi a pintar, ainda criança, e dar continuidade a essa prática é também uma forma de manter viva sua memória. A pintura, portanto, não é apenas técnica ou escolha acadêmica, mas herança afetiva e identidade artística. Ao optar pela tinta acrílica fosca, que me agrada tanto pela textura quanto pela aparência final, reafirmo esse vínculo: é o material com o qual me sinto mais à vontade e que melhor traduz meu gesto pictórico.

A música, por sua vez, a todo momento esteve ao meu redor como um segundo refúgio. Cresci ouvindo artistas como Michael Jackson e *One Direction*, encontrando na música um

escape: ora para esquecer problemas, ora para me apoiar em algo que traduzisse sensações semelhantes às minhas. Atualmente, essa conexão se intensifica no contato com o grupo musical sul-coreano *Enhypen*, cuja estética e assuntos abordados me agradam muito. Ainda que eu não os conheça pessoalmente e que nossos sentimentos não sejam exatamente os mesmos, encontro em suas músicas e narrativas uma fonte de apoio e compreensão, que me ajuda a não me sentir sozinha. Essa identificação se reflete na pesquisa como combustível criativo, não se trata de um estudo teórico sobre o grupo, mas de um mergulho pictórico em símbolos e atmosferas que suas imagens evocam em mim.

É nesse ponto que se dá a intersecção entre pintura e música. Os clipes, *concept trailers* e performances do *Enhypen*, bem como obras culturais que dialogam com eles, como a saga *Crepúsculo*¹, funcionam como acervo visual e simbólico que alimento em minha pesquisa. Esses materiais fornecem signos, como espelhos, florestas, sangue, sombras, flores, luzes fragmentadas, etc, que são reinterpretados em minhas telas, não como reprodução, mas como tradução subjetiva. A teoria, nesse sentido, é apenas matéria-prima, o objetivo maior é a pintura como objeto artístico e expressão pessoal.

¹ Série de livros e filmes de fantasia e romance escrita pela autora norte-americana Stephenie Meyer. A história conta a relação entre Bella Swan, uma adolescente humana, e Edward Cullen, um vampiro que vive em segredo entre os humanos. A saga aborda temas como amor proibido, dilemas morais, amizade, lealdade, escolhas de vida e a convivência entre humanos, vampiros e lobisomens.

Como argumenta o teórico Henry Jenkins (2006), a cultura pop não deve ser vista apenas como produto de consumo, mas como espaço de construção de significados, onde práticas de "cultura participativa" (como o *fandom*² e a remixagem de narrativas) reconfiguram as relações entre produção artística e o modo como essas manifestações são percebidas e recebidas. Em consonância, o curador e crítico de arte Nicolas Bourriaud (2009), ao propor o conceito de "estética relacional", defende a arte como uma prática que se desenvolve em diálogo com a cultura e com os modos de vida contemporâneos, enfatizando a importância das interações simbólicas no processo criativo.

Assim, este trabalho se constrói como um gesto de continuidade e transformação: continuidade de um legado familiar de pintores, transformação de sentimentos íntimos em imagens, e diálogo com um repertório visual contemporâneo que atravessa minha experiência como espectadora e ouvinte. O cerne não está nos símbolos em si, mas no modo como eles se materializam na tela, criando um corpo de obras que é, ao mesmo tempo, íntimo, silencioso e expressivo.

Esta pesquisa está dividida em introdução (Crepúsculo), três capítulos: Eclipse, Lua Nova e Sol da Meia-Noite e conclusão (Amanhecer), cujos títulos fazem referência direta aos livros e filmes da saga *Crepúsculo*, evocando suas atmosferas simbólicas. Cada capítulo se desdobra em dois subcapítulos com nomes inspirados em álbuns musicais lançados pelo *Enhyphen* até então, organizados a partir de conceitos centrais como nascimento, dualidade, desejo, sonho e

sacrifício. A abertura de cada um traz uma citação literal da saga *Crepúsculo*, com o intuito de construir pontes afetivas e estéticas entre os universos utilizados. Além disso, a formatação desta monografia segue como inspiração às de livros físicos.

A frase que abre esta introdução, um trecho emblemático do cinema e da literatura jovem contemporânea, foi escolhida não apenas por seu caráter simbólico, mas pela maneira como encapsula a dualidade central desta pesquisa: o encontro entre opostos, infância e amadurecimento, e o desejo como força que move narrativas.

Como quem caminha entre a noite e o dia, entre o mito e a imagem, este trabalho se posicionou nesse limiar, onde o leão se aproxima do cordeiro, e onde o pop encontra o simbólico.

² Comunidade ou subcultura de fãs que compartilham um interesse comum, como séries, filmes, livros, música, etc.

Quando paro pra pensar em que momento minha pesquisa se tornou sobre pintura e música, não é fácil perceber. Penso que em minha vida toda estive muito focada em música, tão focada que minha mãe diz que eu pareço não ter outras prioridades que não envolvam músicas, esportes, livros ou filmes/séries.

No início do curso realizei pinturas, colagens, desenhos e outras experimentações inacabadas, inspiradas em referências que faziam parte do meu cotidiano e daquilo que me interessava artisticamente. Entre elas, produzi duas telas retratando o Jimin, integrante do grupo musical coreano *BTS*, que me marcou pelo impacto estético e emocional que sua imagem transmite (figuras 1 e 2); pintei também a “Árvore das Almas”, do filme *Avatar* (2009), que para mim carrega um significado familiar por remeter às árvores da fazenda onde cresci, lugares de memória e afeto coletivo (figura 3); produzi uma colagem que unia fotografias minhas ainda criança, dos meus primos e tios, tiradas nessa fazenda, com a música *Borboletas*, da dupla sertaneja Victor e Leo, que acompanha muitas das minhas lembranças da infância (figura 4). Essas obras demonstram que meu processo criativo sempre partiu de referências culturais com as quais estabeleço vínculos pessoais, unindo elementos midiáticos a memórias e afetos íntimos.



Figura 1 - Bruna Torres, *Face Off*, 2023. Acrílica fosca sobre tela. 40 X 40 cm. Fonte: Acervo pessoal da artista.



Figura 2 - Bruna Torres, *Like Crazy*, 2023. Acrílica fosca sobre tela. 40 X 40 cm. Fonte: Acervo pessoal da artista.



Figura 3 - Bruna Torres, *Árvore das Almas*, 2024. Acrílica fosca sobre tela. 30 X 40 cm. Fonte: Acervo pessoal da artista.



Figura 4 - Bruna Torres, *Borboletas*, 2023. Colagem e escrita sobre EVA. 40 X 60 cm. Fonte: Acervo pessoal da artista.

De outra forma a pintura também encontra espaço no meio musical como circulação de afetos e compartilhamento de gostos entre os fãs, especialmente através da personalização de objetos, como os *toploaders*, um material de acrílico, originalmente usado por colecionadores para proteger cartas de pokémon, que os fãs de *Kpop* se apropriaram para personalizar (com adesivos ou, no meu caso, com a pintura) e utilizar com cartões fotográficos de seus cantores favoritos. Esse trabalho não apenas gera uma fonte de renda, mas também atua como meio de troca simbólica, pois cada peça carrega referências visuais, cores e símbolos associados a músicas, álbuns ou temas específicos, tornando-se um elo entre minha prática artística e a comunidade que compartilha de interesses semelhantes aos

meus. Ao mesmo tempo, reconciliam-se com o funcionamento capitalista contemporâneo em que a arte circula como mercadoria, ainda que carregada de valor afetivo. Essa apropriação pode ser contrastada com a crítica de artistas como Nelson Leirner (figura 5) ao consumismo artístico e à espetacularização da cultura popular, e com a ironia de Andy Warhol (figura 6), que transformou produtos de massa em arte para denunciar essa mesma lógica. Enquanto esses artistas expõem e questionam o poder das imagens no capitalismo, eu me insiro nesse circuito como meio de criar, circular e pertencer, como Jeff Koons (figura 7), que transforma objetos comuns em arte altamente comercial, utilizando do próprio sistema de consumo. Benedito Ferreira também toca em um ponto que me cerca: o ato de colecionar. Em “Arquivo Morto” (figura 8) ele traz uma coleção antiga de papéis de carta e as ressignifica de um modo que talvez eu ainda não esteja pronta e madura o suficiente para fazer o mesmo com a minha extensa coleção de cartões de *Kpop*. Entretanto, o fenômeno do K-pop se insere no contexto do aporte global de *soft power*, em que a produção cultural se torna ferramenta de influência global, atravessando fronteiras e moldando percepções culturais. Nesse contexto, meus *toploaders* pintados (figuras 9 e 10) materializam esse jogo entre consumo e expressão, atuando tanto como produto de circulação no mercado quanto como obra de vínculo afetivo com o universo musical que inspira minha pesquisa.

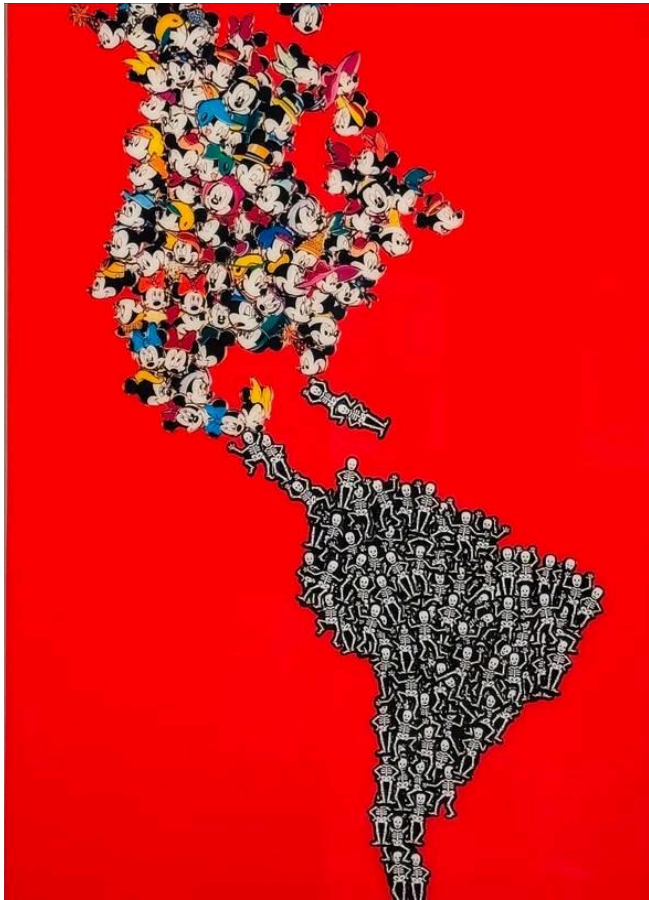


Figura 5 - Nelson Leirner, *Mapa da série Assim é... se lhe parece*, 2003/2011. Fotografia sobre metacrilato. 180 x 120 cm. Fonte: Galeria Silvia Cintra + Box 4, Rio de Janeiro.



Figura 6 - Andy Warhol, *Gold Marilyn Monroe*, 1962. Tinta serigráfica e acrílica sobre tela. 211.4 x 144.7 cm. Fonte: MoMA, Nova York.



Figura 7 - Jeff Koons, *Balloon Do (Blue)*, 2021. Porcelana. 40 x 48 x 15.8 cm.
Fonte: Site jeffkoons.com

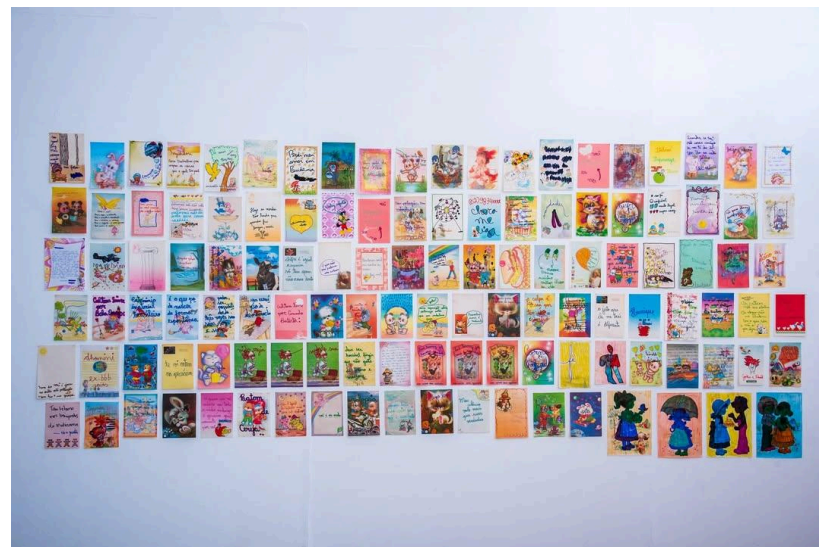
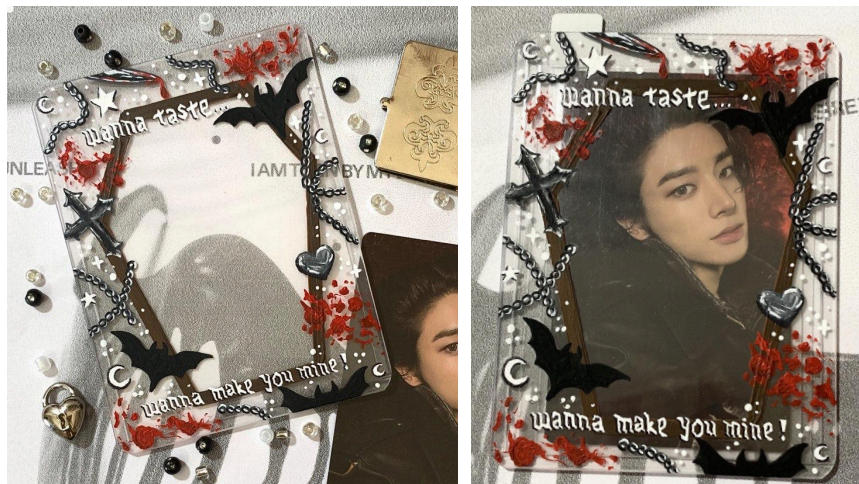


Figura 8 - Benedito Ferreira, *Arquivo Morto*, desde 2013. Escritas e desenhos sobre papel de carta. Dimensões variadas. Fonte: Acervo pessoal do artista.



Figuras 9 e 10 - Bruna Torres, *toploader* inspirado no álbum musical *Desire: Unleash* do grupo *Enhypen*, 2025. Acrílica sobre acrílico. 10 x 7,5 cm.
Fonte: Acervo pessoal da artista.

Sempre tive e ainda tenho dificuldade em expressar meus sentimentos de forma direta, em lidar com meus próprios conflitos internos e em compartilhar minhas vulnerabilidades com outras pessoas, mesmo que sejam momentos e memórias felizes. A pintura, nesse sentido, torna-se um espaço de liberdade, pois me permite elaborar simbolicamente aquilo que não consigo traduzir em palavras. A música também constantemente cumpriu esse papel, servindo como um refúgio nos momentos em que eu precisava ignorar os problemas ou me apoiar em algo com que me identificava profundamente. Esta pesquisa, portanto, é também uma abertura dos meus sentimentos, ainda que de forma implícita, um exercício de transformar aquilo que me atravessa em imagens e cores. É

nesse ponto que o *Enhypen* se torna essencial: encontro em suas músicas, performances e narrativas uma fonte de apoio, há uma sintonia que me permite sentir que não estou sozinha, e essa conexão se transforma em combustível criativo para a produção das minhas pinturas.

Apesar dessa conexão com a cultura pop, muitas vezes senti que minhas produções não se encaixavam plenamente no espaço acadêmico da arte. Enquanto tantos colegas se voltavam para suas próprias dores, experiências de vida ou questões sociais, eu me via buscando nas referências midiáticas uma forma indireta de acessar meus sentimentos. Isso me causava certo desconforto e um sentimento de não pertencimento, como se minha arte fosse menos legítima por não estar ligada a relatos pessoais explícitos. Portanto, esse trabalho é uma libertação destes sentimentos, deixando para trás comentários desanimadores e focando plenamente no que sei que gosto de produzir.

1. ECLIPSE

“Era um dilema com o qual ainda estava lutando.”
(MEYER, Eclipse, 2009, p. 19)

Este capítulo, dividido em dois subcapítulos, trata-se do início desta jornada, as primeiras obras produzidas já com o pensamento dessa pesquisa, onde começo este processo de libertação e de foco.

Como dito no livro *Eclipse* (2009, p. 19), “era um dilema com o qual ainda estava lutando”, e de certa forma ainda luto: o dilema de reconhecer a validade da minha voz artística mesmo quando mediada por símbolos da cultura pop. Hoje, entretanto, compreendo que esses ídolos, filmes e músicas funcionam como espelhos simbólicos: neles encontro reflexos e traduções possíveis das minhas inquietações e desejos.

É nesse ponto que a simbologia do eclipse ganha relevância. Simbolicamente, o eclipse é entendido como um momento de suspensão, de transição entre luz e sombra, em que forças ocultas vêm à tona e a instabilidade se anuncia. A oscilação entre a luz daquilo que consigo mostrar e a sombra do que permanece guardado. Essa metáfora atravessa diferentes instâncias do meu repertório. No cinema, o filme *Eclipse* (2010), terceiro da saga *Crepúsculo*, evoca justamente a tensão entre escolhas, desejos e transformações inevitáveis, que se aproximam do limiar entre juventude e amadurecimento. Na música, recordo com intensidade a performance de *Total Eclipse of the Heart* (canção de Bonnie Tyler), apresentada pela *boyband One Direction* no programa *The X Factor* (2010), cuja visualidade vampírica e dramática marcou minha “eu” de 6

anos em relação à música pop. Já no universo do *Enhyphen*, o eclipse aparece como metáfora recorrente, conectando-se à dualidade entre dia e noite, vida e morte, humano e monstro, imagens que também habitam minha pesquisa e meu imaginário pictórico.

1.1. Dia Um

Despertar (figura 11) marca o início efetivo desta pesquisa. Foi a primeira obra apresentada em sala de aula, na disciplina *Notas sobre Cinema*, e também a primeira em que consegui articular referências visuais da cultura pop com reflexões próprias no campo da pintura. Inspirada pelo vídeo *Debut Trailer 2* do álbum *BORDER: DAY ONE* (figura 12), do grupo sul-coreano *Enhypen*, e pelo primeiro filme da saga *Crepúsculo* (2008) (figura 13), a obra se estrutura em torno da ideia de transição: um momento liminar em que algo começa a se transformar, mas ainda não se revela plenamente. Esse estado de suspensão ressoa diretamente com uma das questões centrais desta pesquisa: a identidade em construção.

Na composição, a floresta aparece como espaço simbólico de passagem. Entre feixes de luz e áreas densas de sombra, um espelho ocupa o centro da cena, mas em posição não convencional, na horizontal. Sua superfície borrada, que não devolve uma imagem clara, transforma o objeto em metáfora da instabilidade do autoconhecimento. O reflexo turvo nega a clareza, deslocando o espelho de seu uso habitual como instrumento de vaidade e auto afirmação, e o reinscreve como interrogação visual, podendo até gerar dúvida sobre o que é este objeto ao centro da tela. Assim, o objeto se torna tanto um ponto de pausa na narrativa da imagem quanto uma metáfora do sujeito em transição: sempre em negociação, nunca inteiramente formado. Essa leitura dialoga com a trajetória da personagem Bella, em *Crepúsculo*, que se vê entre mundos e identidades, e com a própria estética do *Enhypen*, marcada pela

dualidade entre luz e sombra, humano e monstruoso, dia e noite.

O espelho, além de metáfora da identidade em transição, também evoca uma dimensão ligada à autoestima. Muitas vezes, olhar para o próprio reflexo pode ser um gesto doloroso, não apenas por aquilo que ele revela, mas também pelo que oculta ou distorce. Há dias em que o espelho parece devolver uma imagem estranha, quase de um outro, e a sensação de não reconhecimento atravessa a experiência do olhar. Esse dilema do espelho se torna, então, mais do que uma questão estética: é um confronto com as fragilidades da autoimagem e com as inseguranças que a acompanham. Ao borrá-lo em *Despertar*, busquei representar justamente essa tensão entre a necessidade de se ver e a dificuldade de se reconhecer, entre o desejo de clareza e a inevitável experiência do estranhamento.

A relação com a música *Given-Taken* (2020), do *Enhypen*, reforça esse simbolismo. Nos versos “수많은 stars 수많은 달 / 질문의 숲속을 헤매던 나 / 어둠 속의 저 빛을 따라왔어” (“Estrelas incontáveis, luas incontáveis / Eu estava vagando na floresta de perguntas / Eu segui aquela luz na escuridão”), encontro uma síntese poética do que busquei traduzir visualmente: a experiência de atravessar um espaço de incerteza, repleto de perguntas, até encontrar um feixe de luz que orienta, ainda que de modo provisório, o caminho.

O aspecto formal da obra acompanha esse conceito. O contraste entre a verticalidade das árvores e a horizontalidade

do espelho estrutura a composição, criando uma tensão visual que reforça a ideia de deslocamento. A técnica da acrílica fosca possibilitou trabalhar camadas de cor e textura, alternando pinceladas mais soltas nas áreas de sombra e mais definidas nas áreas iluminadas, de modo a construir uma atmosfera ambígua e densa. O acabamento da pintura, marcado por borramentos e gestos não suavizados, foi mantido intencionalmente, como forma de inscrever, no processo pictórico, a própria noção de incompletude.

No processo de produção, não costumo recorrer a rascunhos ou testes de cor prévios em papel. Meu método começa na tela: preparo-a com uma base em tom amarronzado, desenho a lápis de maneira rápida e logo inicio a pintura. As escolhas de cor e forma acontecem no ato, muitas vezes errando, alterando e reformulando conforme a imagem avança. Essa forma de trabalho é intuitiva e processual, marcada pela confiança no gesto e pela decisão consciente de não abandonar a tela no meio do caminho, mesmo quando o resultado inicial não me agrada. Trata-se de confiar no processo como parte essencial da obra, aceitando o erro como possibilidade de descoberta e mantendo o diálogo constante entre a intenção inicial e os desdobramentos imprevistos que surgem na superfície pictórica.

Do ponto de vista teórico, a obra pode ser compreendida em diálogo com reflexões sobre cultura pop e arte contemporânea. Seguindo a teoria de Henry Jenkins (2006) sobre o consumo da cultura midiática, *Despertar* se apropria de signos visuais de *Enhypen* e *Crepúsculo*, reconfigurando-os em uma linguagem pictórica autoral. Também seguindo com Nicolas Bourriaud (2009), que ao propor a noção de estética relacional, reforça a ideia de que a arte contemporânea se constitui nas relações simbólicas e afetivas entre obra e público. A pintura, nesse contexto, não é apenas representação, mas lugar de encontro entre referências midiáticas e experiências subjetivas.



Figura 11 - Bruna Torres, *Despertar*, 2025. Acrilica sobre tela. 30 X 50 cm. Fonte: Acervo pessoal da artista.



Figura 12 - Cena do filme *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer. Fonte: Mubi³



Figura 13 - Captura de tela do vídeo *ENHYPEN (엔하이픈) Debut Trailer 2 : Dusk-Dawn*. Fonte: Hybe Labels⁴

³ Disponível em: <https://mubi.com/en/notebook/posts/teenage-thirst-twilight-ten-years-later>.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnrUJr8B7oI>.

1.2 Dimensões

Tempos Bons (figura 14) nasce como um desdobramento de *Despertar*, mas sob um registro distinto. Enquanto a primeira obra marca o ponto de partida da pesquisa, o reconhecimento do “dia um”, o início do processo de autodescoberta e expressão, esta pintura propõe uma ampliação das dimensões afetivas que atravessam minha produção. Inspirada na música e no videoclipe *Tamed-Dashed* (2021), do grupo sul-coreano *Enhypen* (figura 15), *Tempos Bons* emerge como uma pausa luminosa dentro do percurso da pesquisa, um espaço de respiro.

A ideia surgiu a partir de uma conversa com minha mãe, que me fez refletir sobre a recorrência de atmosferas densas na arte. Ela me lembrou que, embora a pintura seja um espelho das minhas emoções, minha trajetória também é marcada por lembranças felizes, e que essas experiências igualmente merecem ser traduzidas em imagem. Assim, *Tempos Bons* se configura como um exercício de reconciliação: entre o passado e o presente, entre a dor e o afeto.

Na composição, a cena é vista de cima, como se o olhar se desprendesse do corpo e observasse o mundo a partir de uma distância serena. O mar ocupa a metade inferior da tela, com ondas suaves que se dissolvem na areia. Ao fundo, um pequeno trecho de vegetação e um guarda-sol escuro delimitam o espaço da praia. Sobre a areia, objetos mínimos, uma toalha colorida, duas bolas, e um par de chinelos, sugerem presenças ausentes, rastros de uma experiência vivida. Essa visão aérea reforça o caráter de lembrança: não se trata de uma representação literal, mas de um fragmento de memória reconstruído pela pintura.

A paleta é composta por tons terrosos, verdes e azuis suaves, que evocam calor e tranquilidade. A escolha por uma perspectiva alta e pela ausência de figuras humanas torna a pintura silenciosa, quase contemplativa, como se o observador fosse convidado a ocupar o lugar de quem recorda. A cena não busca descrever um momento específico, mas condensar uma sensação, o prazer da pausa, o conforto da lembrança, a ternura da infância.

O título *Tempos Bons* carrega uma ironia doce: ele reconhece o distanciamento temporal da lembrança, mas também a permanência afetiva dessas imagens. Nesse sentido, a obra dialoga com o conceito de “estética relacional” de Nicolas Bourriaud (2009) citado anteriormente, uma vez que a pintura se abre como espaço de partilha, em que memórias individuais podem se tornar coletivas. Ao observar a cena, o espectador pode projetar suas próprias lembranças de verões, viagens ou tranquilidades passageiras, estabelecendo um laço simbólico com a imagem.

Em relação à técnica, mantive o mesmo processo intuitivo que guia meu fazer pictórico. Não realizei rascunhos prévios nem testes de cor: iniciei diretamente sobre a tela, preparada com uma base em tom amarronzado, e deixei que a pintura se construísse a partir do gesto. O mar foi o primeiro elemento a surgir, e a partir dele a cena se organizou quase que por intuição, num fluxo contínuo em que a pincelada guiava a próxima decisão. Essa forma de trabalho, baseada na confiança no processo e na abertura ao acaso, reflete minha relação com a memória, fragmentada, fluida e sempre em movimento.

A música *Tamed-Dashed* também opera como um espelho simbólico da obra. Sua narrativa fala sobre a juventude

como um momento de correr em direção ao desconhecido, entre a liberdade e o medo, entre o desejo e o risco. Na pintura, esse espírito aparece transformado: a praia se torna metáfora de um tempo suspenso, em que o corpo encontra o descanso após a corrida. Se em *Despertar* a personagem (eu) estava perdida na floresta de perguntas, em *Tempos Bons* ela encontra o mar como resposta provisória, uma dimensão de serenidade e de aceitação. A praia, nesse contexto, torna-se símbolo dessa entrega: espaço onde o corpo se dissolve entre o vento e a água, onde o pensamento desacelera e o tempo parece suspenso. Essa mesma atmosfera aparece em *Amanhecer – Parte I* (2011), quando Bella e Edward estão na praia em sua lua de mel (figura 16). Há ali uma serenidade quase onírica, uma pausa na narrativa antes da transformação (de Bella para vampiro), que ressoa com o espírito de *Tempos Bons*. É o instante em que o mundo ainda parece inteiro, antes que a realidade retorne com seu peso e suas exigências.

Essa relação entre lembrança e imagem encontra eco nas reflexões de Gaston Bachelard (2009) sobre a imaginação poética. Para o autor, a memória não é apenas reconstituição do passado, mas recriação imaginativa, uma “casa da alma” onde o tempo se dobra e o passado se reinventa no presente. Em *Tempos Bons*, a praia não é o retrato fiel de um dia específico, mas a condensação simbólica de muitas lembranças fundidas. É o espaço da memória sonhada, em que a pintura funciona como abrigo do tempo íntimo.

De modo complementar, Georges Didi-Huberman (2010) nos lembra que a imagem não é simples registro, mas aquilo que “sobrevive”, um fragmento de tempo que resiste, um vestígio que continua a pulsar. A pintura, nesse sentido, atua como sobrevivência de uma experiência afetiva, como algo que insiste em permanecer visível mesmo quando já pertence ao

passado. Assim, *Tempos Bons* se constitui como uma imagem-limite: entre o que já se foi e o que ainda se sente.

Ao lado de *Despertar*, esta obra forma um contraponto necessário: ela revela que o autoconhecimento não se constrói apenas na dor ou na dúvida, mas também na lembrança dos momentos em que a vida se abriu em calma e luz. É, portanto, um mergulho naquilo que permanece, a memória do que foi bom, e um lembrete de que, mesmo em meio aos eclipses, há sempre clarões possíveis.



Figura 14 - Bruna Torres, *Tempos Bons*, 2025. Acrílica sobre tela. 20 x 15.
Fonte: Acervo pessoal da artista.



Figura 15 - Captura de tela do vídeo *ENHYPEN* (엔하이픈) 'Tamed-Dashed' Official MV. Fonte: Hybe Labels⁵



Figura 16 - Cena do filme *Amanhecer - Parte 1*, de Stephenie Meyer. Fonte: Veja Rio⁶

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6IRsW_TkyVA.

⁶ Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/programe-se/harry-potter-crepusculo-cinemas-rio/>.

2. LUA NOVA

“Pela primeira vez em muito tempo eu não sabia o que esperar da manhã.” (MEYER, Lua Nova, 2009, p. 91)

Lua Nova traz uma etapa de transição delicada dentro da pesquisa, um momento em que o entusiasmo inicial dá lugar a um ritmo mais lento, atravessado pela dúvida e pela ansiedade. Depois do impulso e da descoberta presentes em *Eclipse*, surge aqui a necessidade de sustentar o processo, mesmo quando a inspiração não é imediata. É um tempo de escuridão e espera, em que o fazer artístico se torna também um exercício de resistência. Como expressa Bella em *Lua Nova* (MEYER, 2009, p. 91), “pela primeira vez em muito tempo eu não sabia o que esperar da manhã”, frase que traduz a sensação de incerteza e de desorientação que vem acompanhando meu ato de criar. A ansiedade se manifesta nesse intervalo entre o desejo de produzir e a dificuldade de encontrar sentido, entre o medo de estagnar e a necessidade de confiar no tempo da própria obra.

Neste capítulo, o processo pictórico se torna mais introspectivo e emocional. As telas passam a refletir o esforço de permanecer presente em meio ao caos interno, de seguir pintando mesmo quando o corpo e a mente pedem pausa. A dificuldade de foco, que tantas vezes se impõe durante a pesquisa, acaba se transformando em tema e método: pintar ansiosamente, desfazer, refazer, errar e insistir.

Os subcapítulos *Escuridão* e *Pôr do Sol* desdobram essa travessia. Em *Escuridão*, inspirada nas músicas *Sacrifice (Eat Me Up)* e *Fate*, do *Enhyphen*, a pintura nasce do confronto com a intensidade e o esgotamento, a sensação de ser consumida pelo próprio processo, de perder o controle para, enfim, encontrar uma nova entrega. Já *Pôr do Sol*, inspirada em *Orange Flower (You Complete Me)*, traz um respiro: um

instante de aceitação, em que a melancolia dá lugar à calma, e o fim se apresenta como parte natural do percurso.

Assim, *Lua Nova* é o capítulo da ansiedade e da persistência. Um tempo de reaprender a criar no meio do turbilhão, de aceitar o silêncio como parte do processo e de compreender que o amadurecimento artístico também nasce do intervalo entre o impulso e a espera.

2.1. Escuridão

Limiar (figura 17) é mais uma dualidade, mais um momento de transição dentro do percurso visual e conceitual da pesquisa. Se em *Dia Um e Tempos Bons* predominava a busca por um sentido de liberdade e de reencontro com a luz, aqui o gesto se volta para dentro, para o território denso e silencioso da *Escuridão*. Inspirada pela música *Fate* e pelo videoclipe de *Sacrifice (Eat Me Up)* do *Enhypen* (figura 18), esta obra emerge como um símbolo da entrega e do enfrentamento do próprio abismo interior, não como um fim, mas como uma passagem. O clipe de *Sacrifice* traz a tensão entre desejo e destruição, corpo e sombra, enquanto *Fate* fala sobre correr para o destino, mesmo quando ele ameaça devorar. Essa ambiguidade atravessa a pintura, que se constrói sobre o limiar entre o medo e o impulso de continuar.

A imagem apresenta uma grande porta ornamentada, iluminada por traços dourados que contrastam com o fundo nebuloso e profundo. A escada que emerge da escuridão sugere um caminho que não se vê por completo, um percurso interrompido pela névoa. Essa estrutura arquitetônica funciona como metáfora de passagem e transcendência, mas também de dúvida: o que há além do limiar? O espaço parece suspenso entre o terreno e o etéreo, o material e o simbólico. A porta, nesse sentido, não conduz apenas a outro lugar, mas a um estado de consciência, a travessia interna que a própria pesquisa representa.

A atmosfera da pintura é densa, quase onírica, e remete à *Poética do Devaneio* descrita por Gaston Bachelard (2009), para quem a imaginação noturna é o território das forças mais profundas do ser. Aqui, a escuridão não é apenas ausência de

luz, mas matéria viva, um espaço que acolhe o gesto pictórico e o pensamento. Assim como o devaneio bachelardiano, a obra nasce de um mergulho sensível, não racional, naquilo que se move dentro de mim. Pintar este trabalho foi como subir a escada representada nele: passo a passo, guiada por um clarão, sem saber o que esperar da manhã (da luz), como escreve Stephenie Meyer em *Lua Nova* (2009, p. 91).

Durante a criação, há dias em que a concentração parece impossível, em que a tela se torna espelho de um caos interno, e o gesto pictórico se mistura ao esforço de continuar. Essa tensão é parte do conteúdo da obra. O ato de pintar, insistir no processo, mesmo sem clareza, se converte em metáfora da própria resistência emocional. O tempo lento das camadas, o dourado que surge apenas após muitos tons de cinza, traduzem visualmente o esforço de encontrar luz na densidade da sombra.

Em diálogo com o verso de *Fate*, “그 힘을 원해 달렸다 / 비록 태양이 눈을 멀게 할지언정 / 약속된 그곳에 닿기 위해” (“corro em direção a essa força / mesmo que o Sol me cegue / para alcançar o lugar prometido”), compreendo esta obra como expressão do desejo de seguir adiante, ainda que o caminho pareça cego ou incerto. O brilho dourado da moldura não é mero ornamento, mas um sinal de persistência, um lampejo que insiste em sobreviver ao escuro. A travessia representada na tela é a mesma que o verso sugere: um impulso que ultrapassa o medo da dor, que aceita a cegueira momentânea para não desistir da promessa.

Do ponto de vista simbólico, o portal parece encarar o observador, convidando-o à travessia, mas também o expõe ao desconhecido. O olhar da obra não oferece respostas, ele interroga. Visualmente, a obra também guarda uma relação com a imagem promocional do filme *Lua Nova* (2009). A imagem

(figura 19), marcada pela paleta terrosa e pela sensação de tensão entre os personagens, apresenta uma atmosfera semelhante à que busquei construir na pintura.

No contexto da pesquisa, *Escuridão* representa um rito de passagem. Ela é o ponto em que a investigação sobre identidade se torna mais simbólica, mas ao mesmo tempo mais clara. O espaço da tela é o espaço do pensamento, e a escada, um convite à queda e à ascensão simultâneas.

Ao final, compreendo que essa obra não busca resolver a tensão entre luz e sombra, mas habitar o meio-termo entre ambas. A escuridão que aqui se apresenta não é destrutiva: é fértil, é o ventre da possibilidade. Tal como este trecho de *Fate ecoa*, “어둠을 걷어내는 선명한 태양처럼 떠오른다” (“se ergue como um Sol brilhante que clareia a escuridão”), é preciso acreditar e se arriscar para que a travessia aconteça.

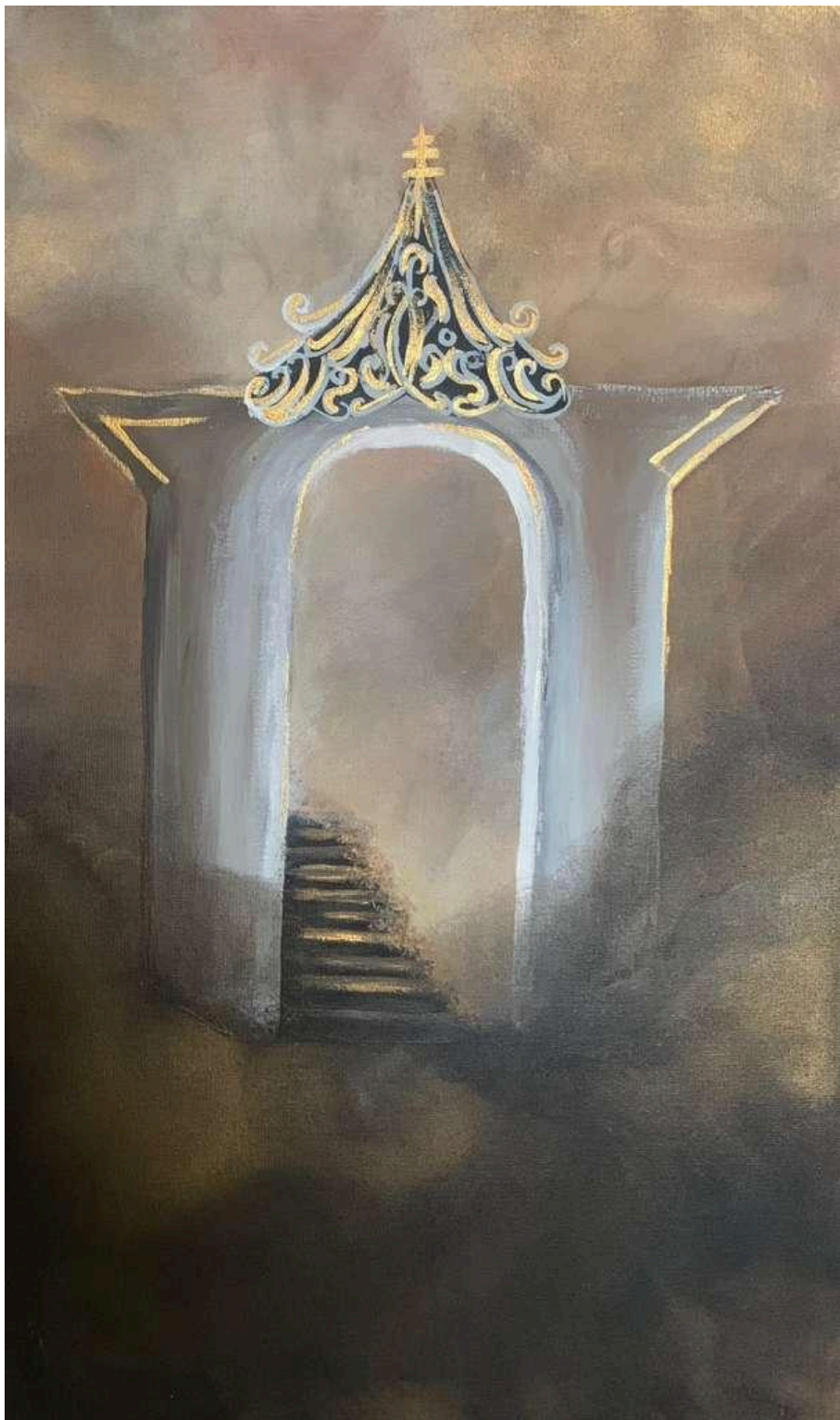


Figura 17 - Bruna Torres, *Limiar*, 2025. Acrílica sobre tela. 50 X 30 cm.
Fonte: Acervo pessoal da artista.



Figura 18 - Captura de tela do vídeo *ENHYPEN* (엔하이픈) '*Sacrifice (Eat Me Up)*' Official MV. Fonte: Hybe Labels⁷



Figura 19 - Foto promocional do filme *Lua Nova*, de Stephenie Meyer. Fonte:Netflix⁸

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/HROTJfbtcU4?si=9z3yMrKpghOCEyWr>.

⁸ Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/70113010>.

2.2. Pôr Do Sol

O Que Me Resta (figura 20) é um ponto de descanso. Depois da densidade simbólica de *Limiar*, esta obra propõe mais uma vez um respiro: o instante em que a luz volta a atravessar o espaço e o olhar. Inspirada na música *Orange Flower (You Complete Me)* e no vídeo '*ORANGE BLOOD*' *Concept Trailer* (figura 21), do *Enhypen*, a pintura se ancora na ideia de reconciliação, não como resolução final, mas como o momento em que é possível habitar novamente a luz sem negar a sombra que a antecede.

Na tela, a janela ocupa o centro da composição. A cortina, levemente movida, deixa passar feixes de luz que se espalham delicadamente pelo ambiente. As pinceladas são suaves, quase translúcidas, como se a cena estivesse suspensa entre o real e o lembrado. Há algo de íntimo nesse instante: a sensação de estar deitado na cama ou no sofá, observando o início do fim de tarde, quando o sol reflete na janela e uma brisa fresca entra, balançando a cortina e levando embora os pensamentos ruins. É uma visão simples, mas carregada de repouso e familiaridade, como estar novamente na praia, só que agora dentro de casa, depois de uma semana cansativa.

Essa atmosfera de conforto e leveza ecoa o espírito de *Orange Flower (You Complete Me)*. Na letra da música, o verso “따사로운 햇살처럼 / 피어난 orange flower / 온통 너로 / 나를 물들여” (“como a luz quente do Sol / a flor laranja desabrocha / me tingindo por inteiro com você”) ecoa como uma tradução sensível do que essa obra propõe. A flor laranja é símbolo da vitalidade que renasce mesmo após a exaustão, do afeto que se infiltra em tudo, tingindo a existência. Essa ideia de ser “tingido” remete diretamente ao processo da pintura:

assim como a cor se espalha sobre a tela, a presença do outro, ou da própria luz, colore o espaço interior. *O que me resta* é esse ato de permitir-se ser atravessado: pela luz, pelo vento, por algo que vem de fora e se transforma em dentro. Da mesma forma, o pôr do sol é um tempo intermediário, nem dia, nem noite, um intervalo em que tudo parece desacelerar. A pintura se torna, então, uma pausa emocional dentro da narrativa do trabalho: um momento em que o corpo e a mente encontram abrigo.

O vídeo-conceito do álbum *Orange Blood* reforça essa dimensão de calor e proximidade. A cor laranja pulsa entre luz e sombra, e os corpos parecem existir em comunhão com o espaço que os envolve. Minha pintura segue essa lógica: o diálogo entre o interior e o exterior, entre o espaço íntimo e o mundo que o atravessa. A janela, que pode simbolizar distância, aqui se torna um canal, um espaço de passagem, onde a luz não invade, mas acolhe.

Pôr do Sol é, assim, um capítulo sobre a retomada do fôlego. Depois de percorrer o escuro, ele convida ao descanso, ao simples ato de respirar. É o instante em que o cotidiano se torna poético, quando a luz da tarde entra sem pressa e o silêncio se transforma em companhia.



Figura 20 - Bruna Torres, *O Que Me Resta*, 2025. Acrílica sobre tela. 18 X 24 cm. Fonte: Acervo pessoal da artista.



Figura 21 - Captura de tela do vídeo *ENHYPEN* (엔하이픈) '*ORANGE BLOOD*' *Concept Trailer*. Fonte: Hybe Labels⁹

⁹ Disponível em: <https://youtu.be/LqxMyWLZtwM?si=sIS41JkqL2vRUE4y>.

3. SOL DA MEIA NOITE

“Meu coração silencioso se encheu de uma esperança mais intensa do que eu me lembrava de já ter sentido.”
(MEYER, Sol da Meia-Noite, 2020, p. 206)

Este último capítulo representa o momento em que o percurso se volta para dentro de si, como se a luz agora nascesse do próprio interior. Depois de atravessar o amanhecer de *Eclipse*, a descoberta e o respiro em *Lua Nova*, *Sol da Meia-Noite* surge como o espaço da consciência, onde o olhar se volta não mais para fora, mas para o que normalmente não mostro. Aqui, o gesto artístico assume novas formas: mais gráficas, mais diretas, por vezes mais contidas, mas ainda profundamente carregadas de afeto e de presença.

Ao longo da pesquisa, a pintura foi o lugar da experimentação emocional e simbólica, ora se expandindo em atmosferas melancólicas, ora buscando o alívio da luz. Mas neste ponto, o fazer pictórico se reorganiza. As obras de *Sol da Meia-Noite* nascem de um movimento de síntese, como se tudo o que foi sentido e elaborado antes encontrasse aqui uma forma diferente. Não há a necessidade de repetir o brilho do Sol ou o peso da sombra: o que se busca é a expressão que resta, o gesto que ressoa dentro de mim.

A frase de abertura deste capítulo, “*Meu coração silencioso se encheu de uma esperança mais intensa do que eu me lembrava de já ter sentido.*” (MEYER, *Sol da Meia-Noite*, 2020, p. 206), traduz precisamente esse momento. Ela carrega a emoção da retomada, a descoberta de que ainda há vida pulsando mesmo depois do cansaço, e que a esperança pode se manifestar em silêncio. É com essa mesma quietude que me aproximo dos dois subcapítulos que compõem este capítulo: *O que não te digo* e *Desejos*. Ambas surgem como respostas íntimas àquilo que não pôde ser dito (produzido) antes, àquilo

que não apenas o gesto, mas também a palavra e diretamente a música podem revelar.

Em *O que não te digo*, inspirada no álbum *Romance : Untold*, o foco está na relação entre o não dito e o que permanece vibrando sob a superfície. O silêncio, aqui, não é ausência, mas linguagem. Já em *Desejos*, inspirada no álbum *Desire: Unleash*, o olhar se desloca para o desejo como força vital, como impulso de criação. Essa segunda parte, que utiliza *toploaders*, pequenos suportes plásticos com pinturas em acrílico, marca uma transição material e conceitual importante na pesquisa: a ampliação do campo pictórico para além da tela tradicional, abrindo mais espaço para a pintura como objeto artístico.

Diferente dos capítulos anteriores, *Sol da Meia-Noite* não é sobre a luz exterior, mas sobre a luz dentro de mim, aquela que insiste mesmo quando o entorno parece suspenso. As cores, as formas e os suportes tornam-se mais gráficos, mais precisos, e ao mesmo tempo mais livres. É como se o outro lado do meu gesto estivesse finalmente dando as caras.

Se antes a pintura era o lugar da busca, aqui ela é o lugar do encontro. Não de uma resolução final, mas de um entendimento silencioso: o de que o processo criativo, assim como o próprio tempo, se renova continuamente. Em *Sol da Meia-Noite*, o fim se confunde com o recomeço, e a esperança, essa luz discreta que se acende dentro do coração, continua sendo o que me move a pintar.

3.1. O Que Não Te Digo

A obra *Reacender* (figura 22) é uma virada de visualidade na pesquisa. Minha pintura, que antes era território do gesto que tateia e da luz que se insinua, aqui se afirma em linhas precisas, em contrastes decididos. O fundo azul, sereno e distante, contrasta com a figura central: um gato preto alado, coroado por uma lua crescente. Ele está pousado sobre uma quina de tijolos como uma gárgula, no limite entre a estabilidade e o salto. A inscrição em vermelho, “*I brought the heat back, danger, harder*” (Eu trouxe o calor de volta, perigo, mais difícil, tradução nossa) atravessa a composição como um grito contido, uma declaração que mistura desafio e desejo.

Inspirada na música e no clipe de *Brought the Heat Back* (figura 23), do *Enhyphen*, essa obra nasce de um gesto de reafirmação. A letra (inspirada na letra original da música, mas levemente alterada), marcada por uma energia quase ritualística, fala sobre a força que retorna depois da queda, sobre o fogo interior que reacende e é justamente essa pulsação que se traduz na imagem. Há uma tensão entre o contorno nítido e o mistério da figura: o gato, símbolo do instinto e da autonomia, agora ganha asas de morcego, híbrido entre o sagrado e o noturno. Ele observa de cima, guardando um silêncio que não é medo, mas controle.

O título, *Reacender*, se conecta ao álbum *Romance : Untold*, que trata dos sentimentos não revelados, das palavras que permanecem guardadas por serem grandes demais para caber na fala. Nesta pintura, o não dito que intitula este subcapítulo se manifesta graficamente. O silêncio assume forma firme, geométrica, contida, e se opõe ao caos emocional que dominava as obras anteriores. Há algo de confessional na

figura, mas também de resistência: o desejo de voltar a um estilo que também gosto de pintar mas não faço mais com tanta frequência em telas.

A escolha por uma linguagem visual mais gráfica e direta representa uma transição no processo artístico e uma nostalgia. Depois de um percurso de obras construídas a partir da névoa, do gesto e da intuição, aqui surge o controle do traço, a consciência do próprio poder expressivo. É como se o processo criativo chegasse antes da obra em si, não mais imprevisto, mas consciente de sua forma e de seu desenvolvimento.

O uso da cor vermelha nas palavras reforça uma presença. Ela é o vestígio da emoção que resiste ao contorno, a chama que insiste em escapar do desenho. Ao mesmo tempo, o fundo azul traz uma sensação de frieza e distância, quase como uma madrugada inquieta após uma tempestade. O equilíbrio entre esses dois pólos cria o clima da obra: um silêncio denso, mas vivo.

Há também algo de performático nessa escolha: o gato com asas, figura de metamorfose, representa o próprio ato de se reinventar como artista, uma forma de assumir minhas próprias contradições. O símbolo da Lua em sua testa não é apenas um ornamento: ele sugere a permanência do ciclo, a lembrança de que mesmo na noite mais escura ainda existe movimento e transformação.

Em *Reacender*, o gesto pictórico se torna afirmação. É o retorno do calor, da chama que parecia adormecida, mas nunca se apagou dentro de mim. E, ao contrário das fases anteriores, aqui não há necessidade de traduzir tudo em melancolia. A escuridão agora é companheira, não ameaça. A pintura

transmite mais do que as palavras almejam, e o silêncio da tela, enfim, encontra sua própria linguagem.



Figura 22 - Bruna Torres, *Reacender*, 2024. Acrílica sobre tela. 20 X 20 cm. Fonte: Acervo pessoal da artista.



Figura 23 - Captura de tela do vídeo *ENHYPEN* (엔하이픈) '*Brought The Heat Back*' *Official MV*. Fonte: Hybe Labels¹⁰

¹⁰ Disponível em: <https://youtu.be/yjxLMzeV76O?si=pYYmwiRNuo5WYRIv>.

3.2. Desejos

Nesta parte final da pesquisa, algo novo no tema se apresenta, um novo suporte, um novo objetivo. Este tríptico (figuras 24, 25 e 26) é uma continuação do tema, mas sob um novo olhar, o meu olhar como fã e consumidora de objetos artísticos fora dos meios tradicionais da cena artística. Aqui, minha pintura não se limita mais à tela: ela se desloca para o pequeno espaço de um *toploader*, objeto originalmente pensado para proteger cartas colecionáveis, mas que, dentro deste contexto, ganha potência simbólica e estética.

O primeiro *toploader* (figura 24) é um retorno às origens do meu imaginário visual. Inspirado na saga *Crepúsculo* e em toda a sua estética melancólica e sombria, ele carrega também a atmosfera do álbum *Border: Day One* do *Enhyphen*, onde a juventude é atravessada por descobertas e por um certo fascínio pelo perigo. A Lua, os morcegos, o cervo e a maçã remetem diretamente à dualidade entre inocência e desejo, entre o humano e o monstruoso, temas que tanto a saga quanto o grupo exploram. O brilho branco e o fundo esverdeado evocam o frio das florestas de Forks (cidade onde se passa *Crepúsculo*), mas também o brilho febril de quem enxerga o mundo sob um feitiço, o mesmo feitiço que a arte e a idolatria exercem sobre o olhar.

Já o segundo *toploader* (figura 25) muda completamente o tom: aqui, o vermelho e o rosa dominam a composição, criando uma atmosfera que se aproxima da versão *Inceptio* (figura 27) do álbum *Romance: Untold* do *Enhyphen*. É uma peça que fala do afeto, do desejo doce, do amor construído no imaginário pop, composto por corações, bilhetes, discos e ursinhos. Essa estética do excesso e da delicadeza revela um lado mais íntimo: a vontade de abraçar a cultura de fã não como

algo menor, mas como um espaço definitivo de criação. Esse trabalho é quase uma confissão visual sobre o quanto o pop atravessa o meu gesto artístico, transformando aquilo que é comercial em poético.

Por fim, o terceiro *toploader* (figura 26), por sua vez, encerra o conjunto com uma energia mais sombria, inspirada no álbum *Desire: Unleash* do *Enhyphen*. As correntes, o sangue e os morcegos voltam, mas agora de forma mais crua, quase agressiva. Há algo de libertação nessa peça, como se ela representasse o momento em que o desejo se torna força vital. A inscrição “MAKE YOU MINE!” dialoga diretamente com as versões físicas do próprio álbum, *Make, You e Mine* (figura 28), funcionando como uma síntese visual e afetiva desse universo. Essa frase, que mistura paixão e posse, materializa a intensidade do desejo que permeia o conceito do álbum e o meu próprio olhar artístico.

Ao trazer esses *toploaders* para dentro da pesquisa, busco explicitar o diálogo direto entre a minha arte e a cultura pop, transformando aquilo que antes era feito sob encomenda, para fãs, colecionadores, pessoas que partilham dos mesmos afetos, em objeto de reflexão estética. É um gesto de afirmação: de que o amor pelas narrativas, pelos ídolos e pelos símbolos compartilhados também é um motor artístico válido. Através desses pequenos suportes, a arte se aproxima da vida cotidiana e daquilo que realmente me move: o desejo de mostrar minhas preferências artísticas, sob diversas formas.



Figuras 24, 25 e 26 - Bruna Torres, tríptico de *toploaders*, *Sem Título*, 2025. Acrílica sobre acrílico. 7,5 X 10 cm. Fonte: Acervo pessoal da artista.



Figura 27 - Imagem de divulgação da versão *Inceptio* do álbum *Romance: Untold*. Fonte: Be:Lift¹¹



Figura 28 - Imagem de divulgação das versões do álbum *Desire: Unleash*. Fonte: Weverse Shop¹²

¹¹ Disponível em: <https://beliftlab.com/artist/discography/ENHYPEN/10>.

¹² Disponível em: <https://shop.weverse.io/en/shop/USD/artists/10/sales/39821>.

AMANHECER

“O interminável amanhecer da imortalidade...”
(MEYER, Amanhecer, 2009, p. 566)

Encerrar esta pesquisa é, de certo modo, retornar ao início, ao gesto que me levou à pintura, à música e à tentativa de compreender o que há entre ambas. Mas este retorno não é um ponto final: é um amanhecer. Ao longo deste percurso, caminhei entre luz e sombra, entre o silêncio e a imagem, entre o sentir e o fazer. Cada obra foi uma tentativa de traduzir o indescritível, de materializar o que a palavra não alcança. No começo a pintura era apenas um espaço de abrigo e descoberta, agora ela se afirma como linguagem plena, consciente de sua potência e de suas fragilidades.

A exposição final das obras sintetiza esse trajeto em forma e em conceito. Dispostas na parede como se formassem uma página de história em quadrinhos, elas compõem uma narrativa visual contínua, uma sequência de quadros que se leem não apenas com os olhos, mas com o corpo e com a memória. Cada pintura, envolta em moldura preta, torna-se um “quadrinho” que guarda um instante: *Despertar*, *Tempos Bons*, *Limiar*, *O Que Me Resta*, *Reacender* e o tríptico de *toploaders* organizam-se como capítulos silenciosos de uma mesma história. Assim como nas HQs, há ritmo, pausa, respiração e movimento, um diálogo entre o que está dentro e o que permanece nas entrelinhas.

Essa disposição (figura 29) também estabelece uma relação com a pop art, especialmente com o trabalho de Roy Lichtenstein (figura 30), que transformava os códigos visuais dos quadrinhos em pintura, deslocando o que era popular e descartável para o campo da arte. Assim como Lichtenstein, aproprio-me de elementos da cultura de massa, no meu caso, o *K-pop*, a estética dos videoclipes e os objetos colecionáveis, e

os reinscrevo em um contexto artístico, sem ironia, mas com afeto. A diferença está na intenção: enquanto Lichtenstein ironizava o consumo, o meu gesto parte da experiência de quem vive dentro dele. Sou parte do universo que represento, e o olhar que lanço sobre ele é, ao mesmo tempo, cúmplice e crítico.

A montagem final das obras funciona, portanto, como um diálogo entre o pop e o íntimo, o consumo e a emoção. Os grandes quadros são janelas e portais, espaços de passagem, de transformação, enquanto os pequenos *toploaders*, alinhados na base, assumem o papel de fecho, de síntese e também de recomeço. Eles são o ponto de transição entre a arte feita para si e a arte feita para o outro, entre o gesto individual e o gesto coletivo.

Encerrar este ciclo é também reconhecer a força da cultura pop como território simbólico. Ao longo desta pesquisa, compreendi que minha prática artística não está à margem da arte contemporânea, mas insere-se nela de modo singular, ao articular pintura e música, teoria e impressões, cultura de massa e experiência pessoal. O *fandom*, antes visto apenas como espaço de consumo, revela-se aqui como comunidade de criação, um ambiente em que afetos, estéticas e linguagens se entrecruzam.

Após a graduação, pretendo seguir expandindo essa investigação, agora com um olhar mais crítico e analítico de uma artista-pesquisadora e não somente de uma fã. O *toploader*, que aqui funcionou como suporte afetivo e pictórico, pode ser o ponto de partida da próxima etapa: quero analisá-lo como objeto de consumo dentro da cultura do *K-pop*, compreendendo suas dimensões econômicas, simbólicas e estéticas. Essa nova fase busca refletir sobre o consumo e a

produção de sentido na arte popular contemporânea, reconhecendo o encanto que move esse sistema, mas também as suas contradições.

Assim, este trabalho se encerra não como conclusão, mas como continuidade. Cada pintura, cada escolha, cada traço permanece em aberto, como um quadro ainda esperando a próxima cor. Como diz a frase que abre este capítulo, “*O interminável amanhecer da imortalidade...*” (MEYER, *Amanhecer*, 2009, p. 566), esta pesquisa se renova constantemente, como a luz que insiste em voltar todos os dias. É um contínuo amanhecer dilatado em novas formas de ver, pintar e de se estar no mundo.



Figura 30 - Roy Lichtenstein, *As I Opened Fire*, 1966. Tríptico de litografias offset, assinado a lápis. Edição de 3000 exemplares. Fonte: Amber Galleries¹³

13

<https://ambergalleries.com/artworks/455-roy-lichtenstein-as-i-opened-fire-triptych-1966/>

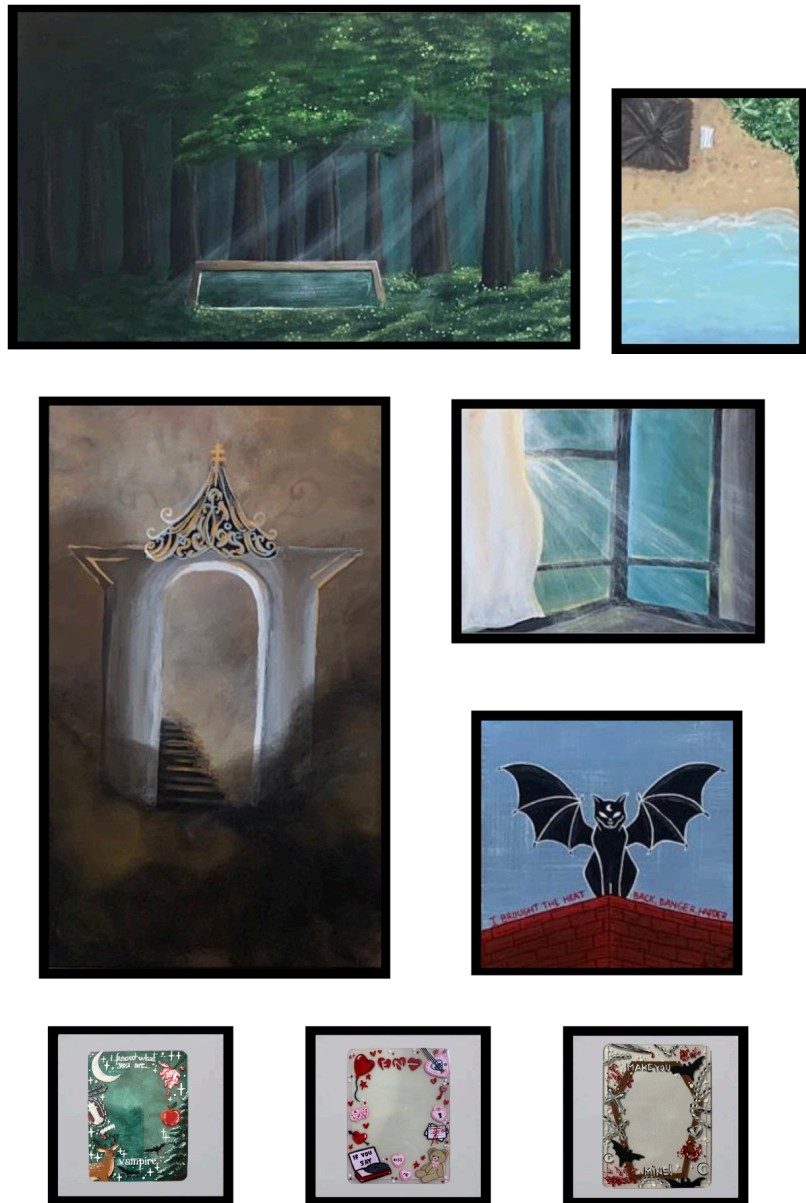


Figura 29 - Bruna Torres, Série *Por Dentro de Mim*, conjunto das obras apresentadas nesta pesquisa na exposição “Percursar”, na Galeria da FAV. Acrílica sobre tela e acrílica sobre acrílico. Dimensões Variadas. Fonte: Acervo pessoal da artista.

REFERÊNCIAS

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 2002.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de P. Danesi. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PET, Revista de Ensino e Tecnologia. **Diurno e noturno no pensamento de Gaston Bachelard**. v. 17, n. 2, p. 97-112, junho 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/2015/1838>. Acesso em: 10 nov. 2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

DIALÉTICO. **Roy Lichtenstein**. Disponível em: <https://dialectico.com.br/roy-lichtenstein/#:~:text=A%20ironia%20em%20seu%20trabalho%20%C3%A9%20uma,grande%20impacto%2C%20utilizando%20humor%20e%20cr%C3%ADtica%20social>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MARCONDES, Renan. **Arte, design e estética relacional**. Revista Visuais, Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 218–228, 2017. DOI: 10.20396/visuais.v3i4.12186. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/visuais/article/view/12186>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SANTOS JÚNIOR, Edmilson Alves dos; ALMEIDA, Carlos Cândido de. **Definição dos textos de uma comunidade**

fanfiction. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/502/151>. Acesso em: 10 maio 2025.

ESPINOSA NAVARRO, Alexandra Katia. **EL ARQUETIPO DE LA MUJER VAMPIRO EN LA LITERATURA: UN ANÁLISIS COMPARATIVO ENTRE LAS OBRAS DRÁCULA DE BRAM STOKER Y CREPÚSCULO DE STEPHANIE MEYER**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <http://repobib.ubiobio.cl/jspui/bitstream/123456789/4262/1/Espinoso%20Navarro%2c%20Alexandra%20Katia.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CREPÚSCULO. Direção: Catherine Hardwicke. Distribuição: Summit Entertainment. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2008.

AMANHECER - Parte 1. Direção: Bill Condon. Distribuição: Summit Entertainment. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2011.

MEYER, Stephenie. *Saga Crepúsculo: Crepúsculo; Lua Nova; Eclipse; Amanhecer; Sol da Meia-Noite*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008-2020.

BELIFT LAB. **ENHYPEN, Artist Profile**. [S.l.]: Belift Lab, 2020. Disponível em: <https://beliftlab.com/artist/profile/ENHYPEN>. Acesso em: 1 maio 2025.

HYBE LABELS. **ENHYPEN (엔하이픈) Debut Trailer 2 : Dusk-Dawn**. [S.l.]: YouTube, 2020. 1 vídeo (2min 7s).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnrUJr8B7oI>. Acesso em: 1 maio 2025.

HYBE LABELS. **ENHYPEN** (엔하이픈) '**Tamed-Dashed**' **Official MV**. [S.l.]: YouTube, 2020. 1 vídeo (4min 11s).

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=6IRsW_TkyVA. Acesso em: 1 maio 2025.

HYBE LABELS. **ENHYPEN** (엔하이픈) '**Sacrifice (Eat Me Up)**' **Official MV**. [S.l.]: YouTube, 2020. 1 vídeo (3min 42s).

Disponível em:

<https://youtu.be/HROTJfbtcU4?si=9z3yMrKpghOCEyW>.

Acesso em: 1 maio 2025.

HYBE LABELS. **ENHYPEN** (엔하이픈) '**ORANGE BLOOD**' **Concept Trailer**. [S.l.]: YouTube, 2020. 1 vídeo (6min 59s). Disponível em:

<https://youtu.be/LqxMyWLZtwM?si=sIS41JkqL2vRUE4y>.

Acesso em: 1 maio 2025.

HYBE LABELS. **ENHYPEN** (엔하이픈) '**Brought The Heat Back**'. [S.l.]: YouTube, 2020. 1 vídeo (3min 12s). Disponível em:

em:

<https://youtu.be/yjxLMzeV76Q?si=pYYmwiRNuo5WYRIv>.

Acesso em: 1 maio 2025.